

Reflexões Sobre a Produção de Conhecimento na Pós-Graduação: Situações e Necessidades

*Fermino Fernandes Sisto**

No Seminário sobre Dissertação de Mestrado, realizado na UNICAMP, em 1991, a proposta de Mestrado é colocada aceitando-se que devemos formar pessoas que possam atuar como pesquisadores, com ênfase em uma área específica.

Em função das discussões ocorridas e da problemática subjacente a tais situações, decidimos por relatar alguns dados de avaliação que estávamos fazendo, e do pouco de experiência existente enquanto fazedor de pesquisa, orientador de dissertações e professor universitário. Esta análise poderia subsidiar discussões e propostas a partir das quais se tentasse minimizar problemas enfrentados no dia-a-dia de orientador, e que mestrados enfrentam na sua iniciação à produção de conhecimentos.

Dificuldades para conclusão da dissertação

O leque de dificuldades é grande, mas nos centraremos, de início, em duas delas que nos interessam no momento, e parecem peças importantes: os mestrados não conseguem, ou apresentam enormes dificuldades, alguns levando um ano ou mais, para compor seus projetos de pesquisa, e outros sequer chegando a tanto. Sua

realização é outro ponto que também apresenta problemas, tão fortes quanto o anterior.

De modo geral, pergunta-se até que ponto as disciplinas dos diversos cursos estão formando pesquisadores ou fornecendo condições suficientes para isso. Mas por conhecermos vários mestres que permanecem com problemas semelhantes para montarem seus projetos em nível de doutoramento, achamos que deveríamos mudar o enfoque.

Uma pergunta aparentemente tola temos colocado aos mestrados e resultado em informações interessantes, já que normalmente acaba-se em uma discussão envolvendo outras informações importantes. É a seguinte: o que deve fazer parte de um projeto de pesquisa?

A partir daí principalmente duas observações têm sido constantes:

- a) A maioria dos alunos, quando chega ao pós-graduação, nunca leu um relato de pesquisa, seja em forma de artigo ou tese.
- b) A maioria dos alunos, quando termina os créditos, continua sem ter lido relatos de pesquisa.

O mais interessante da situação é que qualquer pós-graduando terá que

* Professor-Titular do Depto. de Psicologia da Educação da Faculdade de Educação/Unicamp
Agradecimento especial à Prof^a Anita Liberalesco Neri pela leitura crítica deste material, cujas sugestões foram totalmente acatadas.

realizar uma pesquisa e, portanto, descobrir o que é isso.

A proposta de Saviani, feita no Seminário, assume o fato de que é responsabilidade do orientador a definição do tema e problemática a serem estudados além de, obviamente, a orientação e acompanhamento do trabalho como um todo.

Isto sugere uma responsabilidade não assumida por muitos orientadores que desejam que seus orientandos se apresentem com problemática e metodologia claramente definidas e se colocam no papel de leitores e críticos do trabalho que está ou vai ser desenvolvido.

É muito provável que a assunção desta responsabilidade colocada por Saviani encurte consideravelmente o tempo que o mestrando gasta na elaboração de seu estudo, como também diminua sensivelmente o número de estudantes que acabam por não escrever sua dissertação.

Entretanto, atitude como esta não pode ser considerada como forma de solucionar toda a problemática envolvida no mestrado, pois muitas outras questões existem e permanecerão, independentemente da assunção ou não deste papel por todos os orientadores.

Algumas constatações

Ao lado das constatações feitas com alunos em processo de formação, acrescentaremos outras em função de dissertações e artigos lidos, que juntos ajudam a formar um quadro da situação vigente. Sete são, a nosso ver, as mais importantes para o presente relato:

1) *Uma boa parte dos trabalhos parece ser formada de dois momentos: um*

relativo à parte teórica, delineamento do trabalho e conclusões, e outro relativo à análise de dados.

Acreditamos que apenas uns poucos dos que realizaram pesquisa tenham consciência e compreensão de seu trabalho como um todo. Parece que orientadores e orientandos separam, cada vez mais, duas partes imbricadas do processo de produção de conhecimento, apesar de terem optado por realizar estudos desse tipo. A justificativa explicitada por parte do orientador, na maioria das vezes, é que "entende do conteúdo e discute a problemática, mas para a pesquisa o orientando deve buscar alguém que domina bem isso". Existe outra situação interessante: o orientador conhece como se analisa dados, o faz com auxílio do computador e dá os resultados para o mestrando. Dessa forma, quem não sabia continua sem saber.

2) *Outro aspecto interessante é a deificação do resultado estatístico.*

Um exemplo ilustra melhor essa situação. Existe um estudo onde se trabalhou com ensino de habilidades específicas no grupo experimental, e no de controle com recreação, para se averiguar qual a melhor forma de se incrementar resultados em teste cognitivo. Pré-testes acusaram diferenças significativas em relação aos pós, e entre pós-testes o grupo experimental teve maior ganho. O pesquisador não teve dúvidas em concluir: treinar habilidades específicas é melhor do que atividades de recreação. E seguiu-se toda a defesa a favor da educação compensatória para o desenvolvimento de habilidades cognitivas. Tivemos a curiosidade de fazer algo que o pesquisador

provavelmente não fez: fomos ver os dados brutos. O grupo experimental aprendeu em 2 meses aproximadamente 20% a mais que o grupo controle. Entretanto, 20% em termos do teste cognitivo total significava ter acertado 4 questões a mais. Não parece, em nível de bom-senso, que treinar crianças durante 2 meses, 2 horas por dia, em habilidades específicas de um teste específico, para ao final se obter acertos em média de 4 questões a mais, seja suficiente para se definir em termos de uma orientação teórica de tal amplitude. Acreditamos que houve uma diferenciação, mas os resultados não são alentadores o suficiente para que se interprete de forma restrita e direta, e possibilite esse nível de generalização e definição de posicionamento ideológico a adotar.

3) *Para concretizar outra constatação, que está muito mais ligada a problemas epistemológicos e de posicionamentos referentes a como o modelo matemático deve representar a realidade, faremos uso de outro exemplo.*

Piaget, ao descrever as mudanças de etapa, sempre lançou mão de três momentos: um estado primeiro, um intermediário e um subsequente. Devido ao tipo de abordagem da realidade que utilizou, as micromudanças não têm significado maior, enquanto não envolvem a estrutura como um todo. Acreditamos ter visto o que passaremos a descrever, *mutatis mutandis*, em uma boa dezena de trabalhos. Os pesquisadores catalogam muitos comportamentos durante as entrevistas, hierarquizam segundo critérios próprios e começam a atribuir pontos. Nessa situação,

tem-se, com frequência, crianças que somaram 1,5 outras 4, 8, 9 ou 5, por exemplo. Observe-se que a propriedade que interessa seja representada, relativa às mudanças estruturais, já sumiu no somatório e não se sabe mais a correspondência entre o número e a propriedade mensurada, ou seja, o nível operatório do sujeito. Ato contínuo utiliza-se uma análise paramétrica e, com certeza, o resultado encontrado não mais diz respeito ao fenômeno observado. Esta desfiguração do fenômeno que se quer observar, como resultado de uma utilização indevida do sistema numérico, não parece preocupar muito as pessoas. E isto implica em negar que o modelo para representar a realidade observada lhe deva ser isomórfico.

4) *Há indicações bastante fortes para afirmarmos que pessoas acreditam que seu dado possui qualidade pelo simples fato de utilizar metodologia qualitativa, enquanto outros dados, coletados por outro tipo de metodologia, não possuem tal qualidade. Entretanto, sempre se soube que qualidade de informações obtidas está relacionada a muitos fatores e não precisamente a essa questão.*

No âmbito desta crença observa-se algumas situações que talvez possam ser decorrência. Uma delas se refere a uma certa despreocupação com cuidados na coleta de informações, levando muitas das vezes a dados não comparáveis ou mesmo analisáveis. Outra, os pesquisadores acreditam ter um limite bastante amplo para interpretar seus dados, tirando conclusões que suas informações não subsidiam, e generalizando coisas que sequer possam afirmar estejam estabelecidas.

5) *Um outro problema está ligado a pesquisadores acreditarem que metodologia qualitativa seja novidade no panorama da produção acadêmica e por isso ela não possua critérios e definições mais ou menos claros de como deve ou não produzir-se conhecimento trabalhando nela. Hoje temos uma proliferação assustadora de “métodos qualitativos novos” acompanhados de afirmações como “nem se sabe direito como utilizar, pois são discussões que estão ocorrendo hoje” e que tais. A engenhosidade humana não parece ter chegado a esse ponto e tudo indica que hoje essas afirmações retratam muito mais um desconhecimento histórico da produção científica e suas formas de trabalho do que realmente uma abordagem diferente das que há décadas são usadas.*

Dessa crença têm decorrido consequências interessantes. Uma delas é que nunca se teve no Brasil tantas pesquisas “inéditas” como se tem hoje. É comum encontrar em projetos de pesquisas e mesmo em pesquisas já relatadas (estas em menor quantidade) argumentos para justificar a ausência de pesquisa bibliográfica baseados no fato de se estar utilizando uma metodologia nova e, portanto, ninguém ainda produziu o que essa metodologia possibilita. Os conhecimentos estabelecidos em outros estudos não são “bons” e por isso descartados sem sequer conhecê-los. Observa-se que não é mais a problemática e a produção já existente o mais importante e sim o fato de se estar utilizando uma possível metodologia nova. No mundo inteiro e por toda a sua história essa é a primeira vez... E que surpresa se tem quando se lê os

resultados encontrados: acabaram de descobrir o guarda-chuva.

Além disso, o referencial teórico para colocação do problema e subsidiar tanto a observação como sua interpretação deixa de existir ou é minimamente tratado, sugerindo um claro retrocesso às antigas pesquisas de levantamento de dados, nas quais os investigadores se perdiam na floresta porque não sabiam o que buscar nas árvores. Hoje, justiça seja feita, não nos defrontamos mais com florestas de dados, mas nas poucas informações coletadas também o pesquisador não sabe o que busca e acaba por concluir o que concluiria independentemente da pesquisa feita, ou do que os dados possam sugerir. Ou, em situação mais drástica, não sabe o que fazer com os dados, perdendo às vezes anos, créditos e titulação.

6) *Um outro problema concerne ao fato de ser mais ou menos nebuloso o estado dessa “nova” concepção de pesquisa. Sua derivação teórica também não é clara, pois as diretrizes de produção de conhecimento não são tão nítidas, e o campo de abrangência em nível de problemática, da mesma forma turvo, facilita a interpretação de “solução dos males”. No entanto, verbalizações tais como “a gente ainda está conhecendo seus limites”, é de negativa humilde e indefinida, facilitando a interpretação de secreto e reservado a iniciados.*

7) *Independentemente de estar ligado a uma metodologia qualitativa ou quantitativa observa-se já há algum tempo no Brasil uma tendência a se pesquisar o que afirmam ser problemas genuinamente nacionais. Este argumento tem sido utilizado para*

justificar, explícita ou implicitamente, revisões bibliográficas apenas em teses e dissertações, revistas e anuários nacionais.

Percebe-se, dentro de outra roupagem, novamente uma tendência a se furtrar a uma atualização em nível internacional. É interessante observar que neste caso normalmente existe um referencial teórico. Entretanto, este referencial não é nacional e muitos outros pesquisadores estão trabalhando com as mesmas idéias, desenvolvendo formas de analisar, discutir e interpretar uma realidade e com isso percebendo necessidades e lacunas nos constructos: conseqüentemente fazendo acréscimos à proposta teórica inicial. Entretanto, parece que os pesquisadores daqui não se preocupam com uma atualização nesse nível e assumem, consciente ou inconscientemente, que os avanços e discussões não são importantes, alijando-se da comunidade acadêmica internacional.

Por outro lado, cabe também perguntar se existem problemas típica e exclusivamente nacionais que justifiquem uma não-busca de propostas e análises realizadas por outros investigadores em outras realidades. Estas informações têm provocado, e já vivenciamos várias vezes, tentativas de se importar respostas a nossos problemas, como também a copismos sem qualquer respeito à produção alheia. Caso a atualização se torne uma prática comum, pode-se inibir o copismo tão usual em estudos nacionais, refrear o transplante de soluções para nossos problemas, ao mesmo tempo que possibilita intercâmbio e continuidade nas várias áreas e teorias.

As disciplinas Estatística e Metodologia de Pesquisa

Além da análise do aluno e de trabalhos, também procuramos saber como estava sendo trabalhada a disciplina Estatística e Metodologia de Pesquisa.

No caso da Estatística o que se observa é que, na maioria das vezes, ela é, se existente, quando muito, exemplificada com situações educacionais, sendo que a cada modelo de análise lhe corresponde um exemplo. De fato, o que mais se observa hoje é o desaparecimento desta disciplina nos cursos de pós-graduação. No caso de Metodologia de Pesquisa, normalmente se trabalha com modelos que os pesquisadores que afirmam utilizar metodologia qualitativa denominam de quantitativa.

Cursos de Metodologia de Pesquisa Qualitativa parecem ter pouca ou nenhuma disponibilidade no mercado, principalmente quando se analisa o que os poucos que se dedicam a isso fazem. Este fato torna a situação um pouco mais delicada, principalmente quando se constata um aumento significativo de pesquisas denominadas de qualitativas. Onde e como estão sendo formados os pesquisadores? Quais procedimentos de produção de conhecimento estão sendo discutidos e disseminados, capazes de gerar tal multiplicidade de justificativas e produtos?

Algumas medidas necessárias

Em nível explicativo, esses dados aliados a algumas informações dispo-

níveis sobre a história ou estória da pesquisa educacional no Brasil foram suficientes para nos convencer de que seriam necessárias algumas medidas se se objetiva uma produção de conhecimento e formação de pesquisadores:

- 1) Precisamos formar leitores de pesquisas, mas leitores que leiam todo o relato e não apenas a introdução e conclusão.
- 2) Um bom leitor de pesquisas deve saber destacar a estrutura do relato do trabalho, assim como reconstituir o delineamento e análise utilizados.
- 3) Ao reconstruir o delineamento utilizado na pesquisa, o leitor deve saber quais as informações que deve buscar e quais são os modelos estatísticos disponíveis, no caso de pesquisas quantitativas e no caso de pesquisa qualitativa, quais os critérios e sistemas de análise, sua definição e integração com o sistema teórico em questão.

Em função dessas definições fica claro que a Metodologia de Pesquisa Qualitativa precisa, primeiramente, ser ensinada de forma sistematizada e passada como acervo acadêmico aos alunos e não como algo mais ou menos mágico. Em segundo lugar, que sua função seja definida em consonância com a problemática em estudo. Em terceiro, que seus procedimentos sejam derivados do sistema teórico no qual se apóia sem perder de vista que a produção de conhecimento possui uma lógica. E, finalmente, ser colocada no conjunto dos processos de produção de conhecimento, pois obviamente não está produzindo a partir do nada.

No que tange à Estatística pode ser apresentada aos alunos de Educação marcada de um caráter pragmático de forma tal que, por um lado, seja nítida a sua localização em função da estru-

tura de um trabalho de produção de conhecimento. Pôr outro, a Estatística seja um instrumento a ser utilizado em função do que se pretende, enquanto problema de pesquisa, e isto deve ser claramente definido. Também, não é sua sofisticação que define a boa qualidade de um trabalho. Finalmente, dê-se a conhecer a lógica e os raciocínios básicos do modelo, assim como as informações que se pode obter a partir dele, pois são estes dados que vão indicar se para um tipo específico de problema a ser trabalhado a utilização da Estatística é realmente adequada.

Comum a ambos posicionamentos, a discussão poderá ser produtiva e evitar problemas desnecessários se o modelo de coleta e análise dos dados for colocado como um instrumento cuja função não seja determinar o que se vai concluir. O que pode fornecer são diretrizes para se tomar decisões no que tange à direção a ser dada na interpretação dos dados. Além disso, sua articulação tanto com o tipo de fenômeno e sua representação em termos de modelo, como com o delineamento da pesquisa, seja claro.

Permeando todas as análises, fica clara a necessidade de se abrir alternativas quanto a formas de enfrentamento possíveis para a pesquisa educacional, e que a Estatística não é a única. Temos a convicção de que pode ser muito adequada a um certo conjunto de situações específicas de Educação mas que ainda resta um outro conjunto de situações onde sua adequação e necessidade são duvidosas.

Fica para discussão a questão da sofisticação estatística, que tem produzido, sem dúvida alguma, análises mais acuradas de problemas importantes, mas tem trazido consigo um outro tipo de problema que é a necessidade de computadores e programas

não disponíveis em todas as universidades. Também, perguntar-se-ia se a pesquisa educacional no Brasil tem informações e estudos suficientes para que se permita colocar problemas que exijam modelos complexos e sofisticados de análise.

Da mesma forma que a pesquisa quantitativa não é solução para todos os problemas pesquisáveis em Educação, a qualitativa também não o é, e a convivência pacífica e integrada de ambas poderia trazer discussões mais sérias e produção mais substancial para a área.

No entanto, não se pode perder de vista que junto a essa problemática convivem posicionamentos teóricos e ideológicos, nem sempre isomórficos, que acabam definindo um sistema de prestígio, de direito ou não, e por sua vez influenciando todo um conjunto de decisões, nem sempre o mais adequado.

Referimo-nos aos modismos dos novos teóricos, que nem sempre são novos, acompanhados de palavras mágicas que destroem ou procuram destituir de significado décadas e décadas de pesquisas como se de repente se tivesse descoberto a verdade e o resto fosse desprezível resto. Muitas vezes sequer se constituem em teoria, não possuindo um sistema e menos ainda uma forma explicitada de produção de conhecimento. Confunde-se frequentemente com ensaios, conjunto de idéias mais ou menos articuladas com sistemas teóricos. E o resultado disso é um posicionamento teórico conflitante com um modo de produção (são os chamados "trabalhos Frankenstein"). Observe-se aqui certa incongruência, já que produtos da metodologia empregada dentro de outro contexto teórico são repudiados, mas os produtos desta mesma metodologia dentro de um con-

texto teórico "conveniente" são, dizem, de excelente qualidade.

Isto acaba por se refletir em uma produção não-sistemática e duradoura, acarretando uma descontinuidade e não permitindo acúmulo de experiências em setores importantes de pesquisa.

Um quadro de tal natureza reflete negativamente na formação dos mestrandos e linhas de pesquisa, vertentes teóricas ou temas para investigação acabam nunca se formando.

Ao cabo destas considerações cabe uma pergunta: e os que fazem um trabalho pelo menos razoável? Não os temos?

Temos não apenas os que fazem um trabalho razoável, mas também os que fazem um bom e muito bom trabalho. Entretanto, estes não parecem maioria no quadro de produção nacional e alguns anos serão necessários para que mudança qualitativa seja registrada. É provável que seria a experiência pela qual os professores vão passando na sua lide acadêmica o determinante maior na evolução qualitativa da produção de conhecimento, não fossem precárias as condições em que vive a universidade brasileira.

Todos estes fatos apontados, neste segundo conjunto de informações, Saviani parece não levar em consideração em sua proposta. Aí facilita a interpretação de que uma definição no nível do tipo de estudo a ser realizado como dissertação de mestrado supera um problema que a meu ver subjaz a ele, e continuará em sua base, qual seja a do instrumental de produção de conhecimento.

Esse instrumental pode não estar sendo dominado pela maioria dos responsáveis pela produção acadêmica, já que os produtos encontrados indicam deficiências profundas. (E, por parado-

xal que possa ser, muitos desses produtos são considerados até muito bons por certos grupos da comunidade acadêmica brasileira.) Pode-se esperar, portanto, que deficiências instrumentais devam estar se refletindo nas dificuldades encontradas por grande parte dos que estão produzindo conhecimento em nível de mestrado.

Um argumento que normalmente tem sido empregado é que para se melhorar a qualidade da produção seria

necessário que o mestrando tivesse um tempo maior para aprofundar seu estudo. Não parece ser esta a solução. Há uma possibilidade de atuação talvez interessante em se investir, que é a participação de mestrandos em mais pesquisas e vivência em ambiente onde se faça e discuta pesquisa. O problema vivido por um e discutido, séria e academicamente por alguns, pode ser uma maneira viável de se superar as dificuldades colocadas.

Resumo Neste estudo são analisadas algumas situações constantes na produção acadêmica que se vale tanto do que é denominada de metodologia quantitativa, quanto qualitativa, tais como: dicotomia dos estudos no que se refere à parte teórica e de análise de dados; deificação dos resultados estatísticos; isomorfismo entre modelo matemático e a realidade a ser representada; boa qualidade de dados como função de metodologia qualitativa e má qualidade de dados caso se trate de metodologia quantitativa; a falsa avalanche de metodologias qualitativas novas; a informação incorreta de que não existem parâmetros claramente definidos para uma produção de conhecimento com metodologia qualitativa; e a fuga da literatura internacional sob a justificativa de se pesquisarem problemas genuinamente nacionais.

Analisou-se também a situação das disciplinas Estatística e Metodologia de Pesquisa, tanto a denominada qualitativa quanto a quantitativa, e se sugere sua inserção na formação de leitores de pesquisa, assim como uma vinculação aos problemas a serem pesquisados. Por fim, discute-se os novos modismos teóricos e sua repercussão na formação de pesquisadores e de uma literatura acadêmica.

Palavras-chaves: dissertação de mestrado; produção de conhecimento; metodologia qualitativa; metodologia quantitativa.

Abstract In the analysis of academic production, using either quantitative or qualitative methodology, we identified some constant situations such as: dichotomy between theoretical framework and data analysis; deification of statistical results; isomorphism between the mathematical model and the reality to be represented; good data quality as function of qualitative methodology and bad data quality as consequence of quantitative methodology; the false avalanche of new qualitative methodologies; the incorrect information that there are no methodologies; the incorrect information that there are no clearly defined parameters for knowledge production with a qualitative methodology; and the ignorance of the international literature under the justification of researching genuinely national problems. This paper also analyzed the situation of the disciplines Statistics and Research Methodology, both the qualitative and the quantitative one, and suggests their need for the training of competent readers of research as well as their coherent link to the problems to be researched. Finally, we discuss the new theoretical "fads" and their impact on the training of researchers and in the consolidation of an academic literature.

Descriptors: master's thesis; knowledge production; qualitative methodology; quantitative methodology.